

Ironia e colonialismo em *A ilustre casa de Ramires* de Eça de Queirós

Helder Garmes

Universidade de São Paulo, SP
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
helder@usp.br
<https://orcid.org/0000-0001-7063-3290>

Retomando o texto de Mário Sacramento, *Eça de Queirós – uma estética da ironia*, de 1945, a atual comunicação pretende investigar a ideia de colonialismo presente em *A ilustre casa de Ramires*. O referido romance foi lido por grande parte da crítica de forma bastante conservadora, identificando ali uma forte adesão do escritor ao neocolonialismo português, que caracterizará poucos anos depois a política salazarista. Busca-se demonstrar neste trabalho as ambiguidades que a ironia estrutural do romance produz acerca da viagem de Gonçalo para África ao final do romance; viagem que lhe proporcionou um maior enriquecimento a partir da exploração de um prazo na então colônia de Moçambique.

Palavras-chave: Eça de Queirós, *A ilustre casa de Ramires*, colonialismo, ironia.

Resuming Mário Sacramento's book, *Eça de Queirós – an aesthetics of irony*, from 1945, this paper aims to investigate the idea of colonialism present in *A ilustre casa de Ramires*. The novel was read by most critics in a very conservative way. They identified in this novel a strong adherence of the writer to Portuguese neocolonialism, which would characterize Salazarist politics a few years later. This paper seeks to demonstrate the ambiguities that the structural irony of the novel produces regarding Gonçalo's trip to Africa at the end of the novel; a trip that provided him with greater enrichment from the exploration of a land in the colony of Mozambique.

Keywords: Eça de Queirós, *A ilustre casa de Ramires*, colonialism, irony.

A ironia queirosiana

Ainda que não seja consensual afirmar que o livro *Eça de Queirós – uma estética da ironia*, de 1945, de Mário Sacramento, publicado no ano das comemorações do centenário de nascimento do escritor, sedimentou-se como uma das obras seminais da crítica queirosiana, é raro encontrarmos críticos literários interessados na ironia queirosiana que tenham deixado de lado essa obra em suas investigações. Médico, militante de esquerda e crítico literário voltado sobretudo para o realismo e neorrealismo, para além da obra de Eça, Mário Sacramento publicou trabalhos sobre Cesário Verde, Fernando Namora, a estética neorrealista e ainda sobre Fernando Pessoa.

Até onde tenho conhecimento, a perspectiva que o crítico apresentou naquela altura da obra queirosiana foi bastante inovadora. Seu livro, como todos sabem, se concentra nos primeiros anos da produção literária do escritor, indo até 1880, quando é publicada a última versão de *O crime do Padre Amaro*, que seria o período de formação do autor, momento em que Eça de Queirós amadurece o emprego da ironia em seu fazer literário. Segundo a tese de Mário Sacramento, é como se a ironia ganhasse vida própria na obra do escritor, percorrendo diversas temáticas: “A ironia apossa-se de um tema, informa-o dialeticamente, percorre-o curiosamente – e abandona-o finalmente por outro. Lança o seu facho luminoso sobre o mundo, indiferente ao que ilumina e apenas preocupada consigo” (Sacramento, 2002: 168). O crítico concebe uma metafórica inversão de posições, promovendo uma antropomorfização da ironia e fazendo de Eça seu instrumento. Há uma espécie de autonomização da ironia na obra queirosiana, fazendo com que o emprego dessa figura de linguagem fosse mais importante do que a crítica resultante do objeto sobre o qual ela recai, o que implicaria dizer que pouco importe o que se critica desde que se produza o efeito crítico. É como se popularmente dissesse que Eça de Queirós “perde o amigo, mas não perde a piada”. Não nos parece que a ironia seja utilizada nessa chave na obra do escritor, pois há evidentemente uma seleção dos objetos sobre os quais ela recai, mas certamente a sua onipresença sugere algo que, superlativamente, assim poderia ser interpretado.

Apesar de se concentrar nas primeiras obras do escritor, Mário Sacramento não deixa de fazer observações sobre o conjunto da obra queirosiana nas quarenta páginas finais de seu livro, condensadas no capítulo “Ulisses, o ‘mais subtil dos homens’, e o ciclo da ironia”. Peço licença ao leitor para reproduzir um longo trecho de três parágrafos acerca de *A ilustre casa de Ramires*, tendo em vista que condensam as ideias do crítico sobre esse romance:

Gonçalo Ramires será, se quiserem convir com o João Gouveia do romance, a imagem do Portugal. Honra nenhuma, porém, nos virá do paralelo com um homem que se lança na literatura plagiando esquecidos versos de um tio; que oscila, nas suas opiniões, ao sabor dos interesses; que, levado pelas exigências da ambição, impele a irmã para os braços de um amante; que trai a palavra dada a troco duns alqueires de milho; cuja «imaginação o leva sempre a exagerar até à mentira»; que é, de raiz, covarde e só num fugaz momento de suprema exaltação, capaz, do alto de um cavalo e de chicote em punho, de um assomo viril...

Neste balanço de qualidades e defeitos, apenas há a consignar no seu activo a bondade – uma bondade, contudo, que só sabe exercer-se sobre o filho de um homem que ludibriara e mandara prender. Só uma grande incompreensão do que seja ironia poderá impedir-nos de ver que esta identificação de Gonçalo Ramires com Portugal é uma sátira a esse mesmo nativismo que condenara na carta a Alberto de Oliveira. E só uma grande incompreensão dos processos de Eça poderá permitir que vamos buscar a suprema lição do romance às palavras finais... de João Gouveia...

O que dá particular relevo à obra de Eça de Queirós é as suas «teses» serem de raiz irónica: são sempre desproporcionadamente ambiciosas para que, por esse mesmo excesso, se autodestruam. Caracterizava-o a inicial ausência de tese. E se cada livro seu toma aparências de tese, é apenas como delimitação indispensável ao acto criador – tendo por supremo escopo deixar-nos, através da narrativa, de posse da antítese que permita reduzir à suspensão irónica a primitiva aparência discursiva. E só porque a tese sempre assim se autodestrói inexoravelmente, a obra de Eça vive, com legitimidade, no clima da arte (Sacramento, 2002: 187-188).

Julgamos que Mário do Sacramento é um dos primeiros críticos a ler o desfecho de *A ilustre casa de Ramires* na chave irônica e vale lembrar que Mário Sacramento assim escreve em 1945, momento em que a obra finis-secular de Eça vinha sendo apropriada pelos intelectuais salazaristas, o que se deu sobretudo nas comemorações de 100 anos de nascimento de Eça de Queirós, em 1945. Como nos lembra Breno Góes, as obras escolhidas pelo SNI – Secretariado Nacional da Informação – do governo salazarista, sob a direção de António Ferro, para participarem do concurso cinematográfico e da cerimônia de encerramento do centenário do escritor “foram os romances *A cidade e as serras*, *A ilustre casa de Ramires*, e contos como “A Aia”, “Suave Milagre” e o conjunto das *Lendas de santos*. São, todas elas, obras datadas dos últimos anos de vida de Eça de Queirós” (Góes, 2022: 269). A crítica salazarista verá no desfecho de *A ilustre casa de Ramires* o estímulo para o empreendimento do neocolonialismo português na África.

Um dos críticos mais renomados do meio literário português, António José Saraiva, dá a público em 1946 o livro *As ideias de Eça de Queirós*, procurando demonstrar que toda a obra queirosiana retoma sistematicamente algumas poucas ideias, fazendo com que certas personagens atuem mais de acordo com tais ideias preconcebidas ao romance do que ao caráter que lhes é atribuído. Nesse livro, em relação a *A ilustre casa de Ramires*, Saraiva con-

sidera que Gonçalo Ramires embarca para a África sem motivação anterior no romance, porque “o motivo que faz embarcar Ramires é quase infossável para o romancista: é que Ramires não tem personalidade própria; obedece a um esquema preconcebido, é um personagem símbolo, quase alegórico, representa a Pátria – e como representa a Pátria embarca para África” (Saraiva, 1982: 51). Realiza, portanto, uma leitura do romance que referenda a legitimidade da relação entre Ramires e a nação portuguesa, ainda que tomada como literariamente esquemática. Tal interpretação joga água no moinho da leitura salazarista, também compartilhada por outros críticos de esquerda, como é o caso de Antonio Candido, que fala em “recuo ideológico” do escritor em relação às suas obras finisseculares, no famoso ensaio “Entre campo e cidade”, de 1945, texto publicado em razão da efeméride referida. Candido, no entanto, nota que nos textos de imprensa Eça se revela mais combativo e mais crítico do que nunca, atribuindo o descompasso entre a obra de ficção e a atividade jornalista do escritor às contradições humanas.

Portanto, em *A ilustre casa de Ramires*, estamos diante de um texto que foi lido tanto pela direita, quanto pela esquerda como uma mudança da perspectiva ideológica do escritor em relação à exploração do homem pelo homem. Essa perspectiva crítica, respectivamente enaltecendo e condenando o escritor por conta de sua solução colonialista para os problemas nacionais de Portugal, volta à tona nos dias de hoje, quando Eça é qualificado como racista, por exemplo, ou como colonialista, em chaves de leitura que nos parecem por vezes bastante redutoras. Não vamos focalizar aqui a questão racial, levantada a partir do romance *Os Maias*, pelo texto de Viktor Mendes e Vanusa Vera-Cruz Lima (2023), mas sim a questão colonial, cujo paradigma maior na ficção queirosiana vem a ser *A ilustre casa de Ramires*.

O olhar colonial de Eça de Queirós

Publicado em 2016, *O olhar colonial em Eça de Queirós*, de João António Salvado, faz um balanço da presença da África na obra queirosiana e focaliza a questão colonial desde os primeiros textos do escritor no periódico *Distrito de Évora* (1967) até o chamado último Eça.

Na segunda parte do livro, em que entra definitivamente na relação entre a obra de Eça e a África, intitulada “O pensamento colonial de Eça”, há três tópicos: 1) “O colonialismo em Eça”; 2) “A construção das imagens sociais”; 3) “A redescoberta da África pelos portugueses”.

No primeiro tópico, Salvado trata das ideias acerca do colonialismo quase exclusivamente a partir do que o jovem escritor publicou no *Distrito*

de Évora em 1867. Tomado como um impulso “natural” das nações bem consolidadas, Eça enalteceria o colonialismo, desde que realizado com justiça, com equidade de oportunidades entre a metrópole e colônia para ambas se desenvolvessem. Elenca algumas referências à África que o escritor faz em seus trabalhos ficcionais, focalizando ao final *A ilustre casa de Ramires*, tomada a partir da leitura aqui referida de Antônio Jose Saraiva, isto é, como um exemplo do colonialismo finissecular português na África.

No segundo tópico, recorre novamente ao *Distrito de Évora*, chegando a repetir uma das citações para exemplificar como a África deixara sua imagem de lugar de degredo e passara a inspirar um novo Eldorado, a exemplo do que fora o Brasil para Portugal. Cita também o relatório *A colonização como força civilizadora*, de 1874, para afirmar que Eça compartilhava dessa mesma visão, o que é estranho, pois o trecho citado do relatório diz respeito à contratação de africanos livres por antilhanos, interessados na mão de obra barata que o continente africano podia exportar e não tem nada a ver com fazer da África um Eldorado. Parece ser uma citação um tanto fora de lugar. Cita também trechos de *Os Maias* e de *A ilustre casa de Ramires* para exemplificar o quanto o escritor fazia referências jocosas à presença portuguesa na África, concluindo que: “Séculos de trágica presença lusa em África ficavam, desta forma, reduzidos a uma inspiração para divertimento” (Salvado, 2016: 141). Parece-nos que Salvado confunde a mimese sociodiscursiva que Eça faz, por meio de cenas e diálogos explicitamente provocativos, parafraseando e parodiando discursos e posturas vigentes no Portugal finissecular em relação à questão africana, com falta de humanidade por parte do autor.

Salvado elenca diversas referências ao degredo para a África na obra do escritor, notando que funcionavam como uma sentença de morte social e mesmo física. Ligada à ideia de um castigo justo, o degredo também servia como forma de ameaça e como forma de ofensa e acabava por estigmatizar não apenas o degredado, mas a toda sua família. Nota, no entanto, que o pensamento acerca do degredo se transformaria aos poucos, passando de uma fatalidade judicial para uma perspectiva mais colonialista, isto é, o degredado iria deixando de ser associado a um criminoso para ser associado ao colonizador. Todavia, o medo dos trópicos resultava em obstáculo para a migração espontânea dos portugueses para a África. A difícil adaptação física do europeu ao clima tropical também seria uma tópica queirosiana, fazendo notar que a brancura da pele de Ramires ao retornar da África seria a prova de que de não se deixara contaminar física e culturalmente pela vida naquele continente. Em tudo isso, o autor sugere que haveria um conjunto de preconceitos de Eça em relação às populações coloniais.

Mais adiante, não deixa de notar que: “A representação do Negro constante nos textos diplomáticos queirosianos não coincide com a apresentada nas peças jornalísticas e contrasta fortemente com a imagem que ao autor transmite nos escritos literários” (Salvado, 2016: 160). Quando faz referência aos textos literários, como *A cidade a as serras* e *A correspondência de Fradique Mendes*, observa que a visão do negro é bem mais positiva, ainda que o autor não conseguiria desconstruir a imagem estereotipada do negro e da África em tais obras.

Não é o caso de fazer aqui a resenha do livro todo, bastando assinalar que, em suas conclusões, já ao final do livro, Salvado afirma:

Para perceber com maior clareza a mensagem de Eça sobre os assuntos ultramarinos, é necessário separar os trabalhos jornalísticos dos textos literários. Nas primeiras páginas redigidas para a imprensa, este autor revela preocupações colonialistas chegando a apresentar, no *Distrito de Évora*, uma proposta de princípio para uma nova forma de colonização. Mais tarde, já conhecedor dos meandros da política europeia, assume uma posição crítica da colonização. Desta forma, com o objetivo de adaptar os escritos à mentalidade do público brasileiro, tem o cuidado de explicitar criticamente os enredos do imperialismo europeu, nomeadamente, no continente africano (Salvado, 2026: 275-276).

No que concerne especificamente à *A ilustre casa de Ramires*, vê ali a expressão de um novo interesse do autor pela África como consequência do Ultimato inglês (Salvado, 2026: 276), concluindo que Eça, numa perspectiva quase neutral, retrataria como cada grupo social apreenderia a imagem dos africanos e do empreendimento colonial português. Também considera que, numa perspectiva mais geral, a visão do escritor do continente africano seria romanceada e revelaria profundas falhas de conhecimento no que concerne aos povos africanos ao sul do Equador.

Temos acordo com diversas observações de Salvado, sobretudo no que diz respeito ao descompasso entre os primeiros textos do escritor e seus textos literários, quase todos pertencentes ao final do século XIX, assim como acerca da ideia de que o escritor dá voz ali a diversos discursos sobre a África. Não temos acordo, no entanto, com sua leitura mais geral do romance *A ilustre casa de Ramires*, que acaba por legitimar aquela de Saraiva no que concerne a aproximação feita entre Gonçalo e Portugal.

Também não nos parece que haja uma diferença expressiva entre os trabalhos jornalísticos e a ficção queirosiana no que concerne à questão colonial, mas sim um processo crescente, no decorrer da vida do escritor, de crítica ao colonialismo em todos os gêneros textuais que pratica. Julgamos que isso acontece no campo de suas publicações na imprensa de forma mais evidente do que na ficção, e já tentamos evidenciar isso anteriormente (Garmes, 2004).

Em nossa perspectiva, no início de sua carreira Eça entende que colonizar é sinônimo de civilizar, aos poucos vai se dando conta que colonizar é, sobretudo, sinônimo de dominar e explorar e que civilização é uma ideia que deve ser sempre relativizada, ainda que nunca se afaste totalmente de sua matriz eurocêntrica.

Autoria e ironia: quem é dono de quem?

Nesse contexto, retomar a obra de Mário de Sacramento se mostra relevante, na medida em que, até onde tenho conhecimento, ela inaugurou uma forma de ler *A ilustre casa de Ramires* na chave irônica que desconstrói a exemplaridade da atitude colonialista de Gonçalo, ao contrapor a tacanhice e pouca honestidade da personagem com a relevância e celebridade de suas funções sociais (representante da nobreza portuguesa, proprietário de vastas terras, político). Retomar sua obra é chamar a atenção para a longevidade dessa perspectiva de leitura, que inspirou muitas das análises do romance feitas na contemporaneidade, tais como as de José Roberto Maia da Cruz, (2000), Giuliano Lellis Ito Santos (2011), José Carlos Siqueira de Souza (2012), dentre muitos outros. Segundo Mário Sacramento:

Eça preferirá, muito caracteristicamente, deslocar o jogo do cômico do indivíduo para o cidadão, ou seja, fazer incidir a contradição sobre o social, mostrando a disjunção existente entre o que há de mesquinho no indivíduo e a gravidade das funções sociais que exerce, entre o prestígio que o aureola e a interior vacuidade, entre a gravidade e a banalidade do que diz, entre a austeridade do porte social e o desregramento da vida íntima. (Sacramento, 2002: 111)

Segundo o crítico, seria com esse emprego da ironia que Eça superaria o simples descritivismo de verve realista.

Tendo assim servido sucessivamente à Ironia a Moral, a Religião, o Amor, a Política, a Pedagogia, a Literatura, a Ciência, a Filosofia, a Civilização, Eça de Queirós cumpriu já – iluminando com o facho irônico todos os problemas que haviam solicitado a sua juventude.

[...]

A ironia, porém, infatigável, recomeçará o ciclo – e tantas vezes quantas as necessárias para preencher uma vida (Sacramento, 2002: 193-194).

Como referimos, na obra de Sacramento a ironia personificada conduz o escritor e não o escritor, a ironia. Tal concepção acaba por postular uma relação ambígua em relação a qualquer solução mais totalizante para os con-

flitos e injustiças sociais. Como o próprio Sacramento antes observara, ao comentar *Os Maias*:

[Eça] Nunca acreditará muito na revolução, fenómeno temporal, mas nunca abandonará o espírito revolucionário. Por isso o seu vencidismo, disse, é inicial: um vencidismo irónico que não se decide ao cepticismo. Fica-se firmemente pelo: ajamos como se de facto assim fosse (Sacramento, 2002: 102).

Portanto, parece-nos que a maneira como Mário Sacramento leu *A illustre casa de Ramires* já em 1945 foi bastante perspicaz. Trata-se de colocar em primeiro plano a ironia estrutural do livro, muito bem descrita por Antonio Candido, ainda que a crítico brasileiro não a tenha levado sua interpretação às últimas consequências.

A própria trama do livro ensina o leitor a ficar atento à distância que existe entre o que se diz e o que se faz, à distância entre o caráter de Gonçalo e o de seus antepassados, à distância entre o que acontece na trama e a narração posterior dos acontecimentos feita pelo seu protagonista, para além da ironia presente sobretudo na organização da intercalação das cenas do livro.

Ainda que de acordo com a análise de Mário Sacramento, temos, no entanto, duas considerações a fazer. Primeiramente, entendemos que, no caso do desfecho do livro, há sim como ler a empreitada de Gonçalo na África como colonialista, já que não se apresenta qualquer cena ou comentário no livro que relativize a efetiva legitimidade desse empreendimento; pelo contrário, Gouveia, que sistematicamente condena tal empreitada, é quem vai fazer a aproximação entre o percurso de Gonçalo e o da pátria, o que pode ser interpretado como o reconhecimento de seu equívoco na avaliação negativa que sempre fizera da empreitada neocolonialista na África. Há, obviamente, no entanto, como lê-la na chave irônica, já que o leitor aprendeu no decorrer da narrativa que deve desconfiar de tudo que Gonçalo diz ou faz. Com isso, queremos dizer que a ironia neste livro é mais sutil, justamente porque estrutural, indo além da ironia que o leitor pode ver em seus diálogos, cenas, episódios ou em comentários do narrador, que, como demonstrou Carlos Reis (1982), emprega sistematicamente a focalização interna, o que na prática multiplica os narradores.

A antropomorfização que Mário Sacramento faz da ironia na obra queirosiana, como se a forma irônica suplantasse qualquer tópico ou tema tratado pelo escritor, o que parece sugerir quase um abandono da perspectiva ética dessa crítica, também merece comentário. Não nos parece que Eça de fato seja tão servil à santa ironia, nem, pelo contrário, que a ironia seja apenas uma entre outras figuras de linguagem por ele empregada. Entendemos que a formulação melhor para isso seria a de tomá-la como a forma privile-

giada pela qual o escritor passou a se relacionar com as ideias de “verdade” e de “fato”, independentemente de como os concebia, adotando uma perspectiva marcada pelo relativismo que, por sinal, caracteriza o historicismo oitocentista. Como uma espécie de historiador do seu tempo, tal qual se concebe em seu projeto literário “Cenas da Vida Portuguesa”, busca relativizar discursos em relação aos seus diversos contextos de produção, sem, contudo, em nossa perspectiva, perder o horizonte ético, em que o ser humano está em primeiro lugar.

Como é sabido, a ironia materializa-se literariamente em sua obra ao parafrasear ou parodiar discursos sociais que acabam por pluralizar as vozes em seus textos, promovendo uma polifonia que relativiza fatos e verdades, sobretudo aquelas relacionadas a ideias religiosas, políticas, sociais e antropológicas. Daí resulta fácil entender que António José Saraiva, em *As ideias de Eça de Queirós*, afirme que “Eça de Queirós aceita certo número de ideias bem definidas e nitidamente formuladas; com essas ideias constrói os seus contos e os seus romances, dominando inteiramente as personagens”, notando que Eça seria um estilista: “vale pela fórmula nova que encontrou para ideias correntes” (Saraiva, 1982: 59). Importa ressaltar que sua obra vale pela forma que relativiza essas mesmas ideias, colocando-as umas contra as outras, promovendo uma instigante e por vezes desconcertante reflexão sobre seus fundamentos, mas que guardam consigo princípios éticos bastante evidentes.

A ironia queirosiana pensada a partir da ideia de civilização

Para concluir, gostaríamos de deixar aqui registrada uma sugestão de leitura das obras finisseculares de Eça tomadas a partir da ideia de “civilização”, estreitamente ligada à ideia de “colonização”, que nos parece ter sido sempre uma das obsessões do escritor português. Em nosso entendimento a ideia de civilização está no bojo de *A ilustre casa de Ramires*, assim como de diversas obras finisseculares do escritor.

Quando pensamos na ironia queirosiana, tomada a partir da ideia de civilização, poderíamos afirmar que *A ilustre casa de Ramires* seria um romance antagônico à *Correspondência de Fradique Mendes*, já que, da perspectiva civilizacional, Ramires encenaria o português nobre, mas simplório, interiorano e pragmático, que se transforma no civilizador da África e no restaurador da glória colonial portuguesa. Já Fradique seria o português ultracivilizado, internacionalizado, rico, crítico, bem formado e informado, que se revelaria como o paradigma civilizacional a ser emulado pela elite

intelectual portuguesa, mas que pouco se preocupa com o progresso social português, desejando mesmo que tudo ali fique como um cenário rústico para o seu eventual deleite saudosista. Em meio a tais obras, se encontraria *A cidade e as serras*, que buscaria uma equação balanceada entre a sofisticação da civilização e a simplicidade campesina, civilizando elite e povo.

Portanto, teríamos no horizonte três perspectivas futuras para a nação portuguesa fundamentadas em suas elites: uma que se voltaria para a revitalização do colonialismo e para o Mito do Eldorado, de que fala Valentim Alexandre (1998: 42-43), a partir de uma visão pragmática em relação à realidade econômica portuguesa; outra que se voltaria para o mais depurado modelo civilizacional europeu, sem qualquer lastro na realidade socioeconômica de Portugal, que serviria somente às elites; uma terceira que equacionaria campo e cidade, tradição e modernidade, primitivismo e civilização, e que supostamente poderia ser aplicada à realidade portuguesa.

Todas as três perspectivas futuras, no entanto, também mostram o quanto seriam falaciosas, já que contêm em si sua negação: Gonçalo não é a nação, mas sim sua elite predatória; o ultracivilizado Fradique Mendes não passa de um bon-vivant diletante e inútil, que não é modelo para nada, condenando o povo português ao eterno provincianismo; a Tormes de Jacinto revela-se como um modelo de apaziguamento de conflitos sociais para manter a hierarquia social vigente.

Tomando tais perspectivas em consideração, enquanto Mário Sacramento entende que não há teses em Eça, pelo fato de serem “sempre desproporcionadamente ambiciosas para que, por esse mesmo excesso, se autodestruam”, entendemos que, nas três obras finisseculares aqui referidas, há sim teses e antíteses que não chegam a qualquer síntese e, portanto, podem ser tomadas exclusivamente como tese numa leitura literal, exclusivamente como antítese, lidas na chave da ironia, ou ainda como a tensão insolúvel entre uma coisa e outra, que precisa de uma consciente decisão ética e mesmo ideológica do leitor, que deve optar entre uma e outra. Referendamos aqui esta terceira perspectiva.

Referências

- ALEXANDRE, Valentim (1998). “A questão Colonial no Portugal Oitocentista”. In: SERRÃO, Joel. OLIVEIRA MARQUES, A. H. (dir.). *Nova História da Expansão Portuguesa – O império Africano: 1825-1890*. Lisboa: Editorial Estampa, v. X, 21-132.
- CANDIDO, Antonio (1964). “Entre campo e cidade”. In: *Tese e antítese* (31-56). São Paulo: Editora Nacional.

- CRUZ, José Roberto Maia da (2000). “A visita ao velho sótão dos avós: uma revitalização do presente pelo exemplo do passado?”. In: BERRINI, Beatriz (org.). *Eça de Queirós, “A ilustre casa de Ramires” - 100 anos*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 131-158.
- GARMES, Helder (2004). As fronteiras da civilização em Eça de Queirós. *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileira de Ciências Sociais, Centro de Estudos Sociais*, Universidade de Coimbra. Disponível em: https://ge.flch.usp.br/sites/ge.flch.usp.br/files/upload/paginas/HelderGarmes_o.pdf
- GÓES, Breno César de Oliveira (2022). *Eça de Queirós nos tempos de Salazar – Ficção e fascismo em uma celebração literária*. Tese de Doutorado. PUC-RIO, 2022.
- MENDES, Viktor, LIMA, Vanusa Vera-Cruz (2023). “‘Era Ega Racista?’ Orientação para a Interpretação dum Parágrafo d’*Os Maias* (1888), de Eça de Queirós, em Massachusetts”, *PLCS – Portuguese Literary & Cultural Studies*, 38/39: 9-33.
- REIS, Carlos (1981). *Estatuto e perspectivas do narrador na Ficção de Eça de Queirós*. 2.^a ed., rev. Coimbra: Livraria Almedina.
- SACRAMENTO, Mário (2002). *Eça de Queirós, uma estética da ironia*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- SANTOS, Giuliano Lellis Ito (2012). *A ideia de história no último Eça*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SARAIWA, António José (1982). *As ideias de Eça de Queirós*. Amadora: Livraria Bertrand.
- SOUZA, José Carlos Siqueira de (2012). *O romance-ensaio em Eça de Queirós: estudo crítico sobre A ilustre casa de Ramires e A cidade e as serras*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

